
O surgimento da encadernação e da douração

Cida Mársico

Conservadora e restauradora / Fundação Biblioteca Nacional
Mestre em História da Arte pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

Este trabalho descreve a encadernação desde seu início, destacando os diferentes tipos desenvolvidos através dos tempos – como, por exemplo, as encadernações bizantina e medieval – e incluindo esta atividade no Brasil. Ele também trata da ornamentação, abrangendo sua origem, estilos e transformações. Ao final, há um glossário de termos relativos aos assuntos aqui contidos.

Palavras-chave: Estilos de encadernação, estilos da ornamentação, glossário.

Abstract

This work describes binding since its beginning, giving special attention to its different kinds developed throughout the time – as, for example, the Byzantine, and medieval bindings – and including this activity in Brazil. It also deals with the ornamentation, encompassing its origin, styles, and transformations. At the end, there is a glossary of terms related to the subjects herein.

Keywords: Binding styles, ornamentation styles, glossary.

A ENCADERNAÇÃO: DO ROLO AO CÓDEX

A encadernação, uma das mais antigas práticas de conservação preventiva, surgiu com a passagem do rolo (*volumen*) ao códex (em cadernos), formato que se sistematizou no Império Romano a partir do século I. “A origem da encadernação está na razão direta do aparecimento do livro, como o compreendemos hoje”¹.

Encadernar é a “operação de juntar as folhas de um livro, costurando os cadernos e cobrindo o corpo do volume com uma capa mais grossa e sólida que a folha vulgar”², com a finalidade de protegê-lo e embelezá-lo. Os primeiros livros eram compostos por folhas simples de pergaminho dobradas ao meio, formando cadernos.

ENCADERNAÇÃO BIZANTINA (SÉCULOS IV A VI)

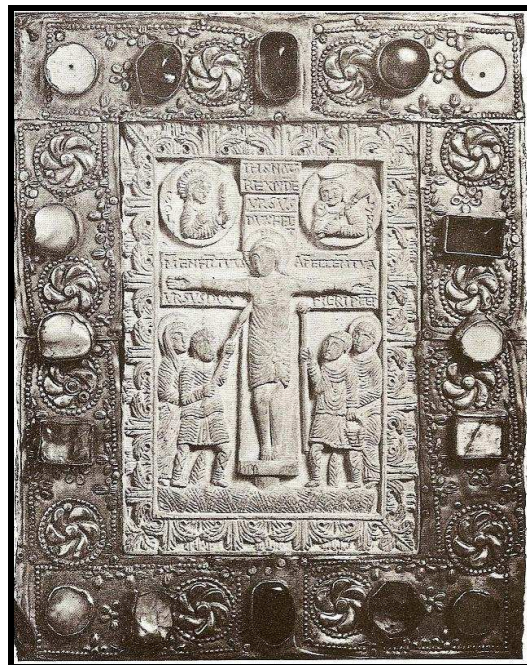
A difusão do formato códex e o emprego cada vez maior do pergaminho se estabelecem a partir dos primeiros séculos do cristianismo.

No século IV, os livros sagrados tornaram-se verdadeiras obras de arte, um meio luxuoso de valorizar a palavra divina. A encadernação bizantina, executada por artistas, era ricamente ornamentada: as capas eram de placas de marfim ou metais como cobre e prata, enfeitadas com incrustações de pedras preciosas, pérolas, ouro maciço ou pintura em esmaltes coloridos. Pela riqueza dos materiais empregados, esta encadernação é denominada ourivesaria e era geralmente destinada ao uso litúrgico.



Encadernação bizantina (ourivesaria)

Ornamentada com marfim esculpido, metais dourados, pedras preciosas e esmaltes de cores vivas, com figuras de santos e outros motivos religiosos.



Encadernação bizantina (ourivesaria)

Placa de marfim, incrustada de pedras preciosas.

Segunda metade do século VII, pertence ao Museo Archeologico Nazionale - Cividale

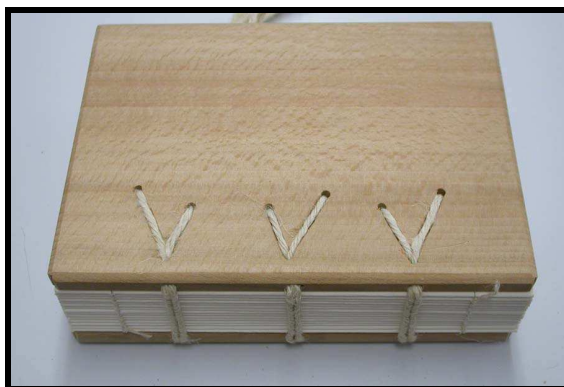
ENCADERNAÇÃO MEDIEVAL

A encadernação medieval teve sua origem nos mosteiros da Idade Média, sendo anterior à descoberta da imprensa. É também denominada de encadernação gótica ou monástica.

A partir do século XII, as placas de marfim, utilizadas na encadernação de ourivesaria, foram substituídas por tábuas muito espessas (10 mm).

O caráter higroscópico do pergaminho, o manuseio e o acondicionamento levavam à degradação das folhas iniciais e finais dos cadernos. A fim de evitar este problema, passou-se a prender as folhas costuradas entre tábuas, criando, assim, o embrião da encadernação como hoje é concebida.

A encadernação medieval estabelece solidariedade com o bloco dos cadernos. O que significa que, enquanto encadernação, não é um simples envelope de revestimento ou capa de proteção³.



Capa de madeira

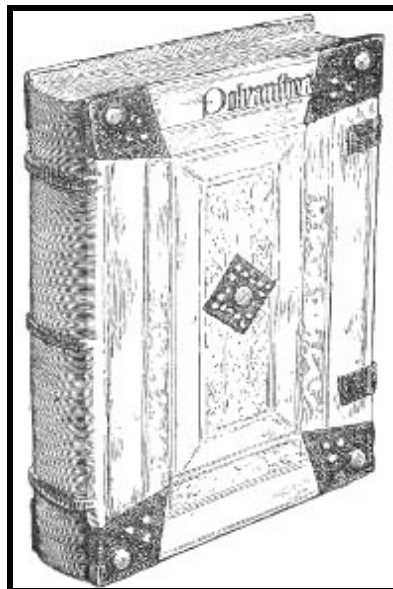
As tábuas da encadernação medieval não apresentam seixas e encaixe. “Pelo menos até o século XIII/XIV, as tábuas são cortadas na medida exata dos fólhos dos cadernos e não apresentam margens salientes, nem à cabeça nem ao pé ou ainda na goteira”⁴.



Sem seixas e encaixe

Até o Renascimento, os livros não eram acondicionados na vertical,

mas deitados em prateleiras ou mesas. Suas capas continham espécies de calombos, feitos de metal ou pedra incrustada, que os mantinham erguidos acima da superfície, driblando a umidade. A lombada, pouco visível, não continha o título, sendo este escrito em etiquetas, não raro protegidas por chifre transparente, atadas à capa. Para evitar a ondulação do pergaminho, fechos e broches nas bordas das pranchas de madeira mantinham o livro bem fechado⁵.



Capa de madeira, cantoneiras de metal, prego e broche central. Costura com nervos, fechos.



Encadernação medieval

Capas de madeira, impressão a seco, cantoneiras de metal e fechos. c. 1500

O formato plano do livro favorecia a sua ornamentação. Na Idade Média a ornamentação era feita por impressão a seco (gofragem), método que não utilizava tinta ou ouro para a estampagem; a marca deixada sobre as capas era resultado de ferros aquecidos sobre o couro úmido.

A arte de decorar a capa e a lombada com folha de ouro é denominada douração e tem origem árabe, aparecendo no Marrocos a partir do século XII. As primeiras capas decoradas aparecem na Itália a partir de 1460. Na Espanha, elas surgem por volta do fim do século XV. A sua técnica consiste basicamente “em uma impressão a ferro quente e folha de ouro na encadernação”⁶.

Avaliar as primeiras dourações é tarefa muito difícil, pois não sabemos ao certo se o ouro foi realmente impresso sobre o couro, com um instrumento quente, ou pintado depois de feita uma impressão a seco. Isto é, se foi realizada uma impressão a seco com pintura dourada nos sulcos ou se foi feita uma douração com uso de folha de ouro.

Uma forma de estabelecer a diferença é observar as marcas profundas (sulcos) deixadas no couro. Na impressão a seco, com pintura dourada, detectamos as marcas do pincel que comprovam que foi realizada uma pintura e não a impressão. A diferença entre as duas técnicas torna-se difícil de identificar hoje em dia devido à degradação das obras através dos tempos.

A ENCADERNAÇÃO: DO MOSTEIRO AO ATELIER

A difusão do livro na Renascença é resultado da conjunção de diversos fatores: o advento da imprensa no século XV; o emprego do papel em substituição ao pergaminho, ocasionando custos mais baixos e, portanto, barateamento do livro; e a substituição das pranchas de madeira por papelão, o que conferiu mais leveza às capas.

A passagem da Idade Média para a Era Moderna significou passar da idade corporativa para a da propriedade privada: as encadernações agora deixam os mosteiros e são realizadas em ateliês especializados, que trabalham por encomenda de abastados mecenas, bibliófilos e colecionadores⁷.

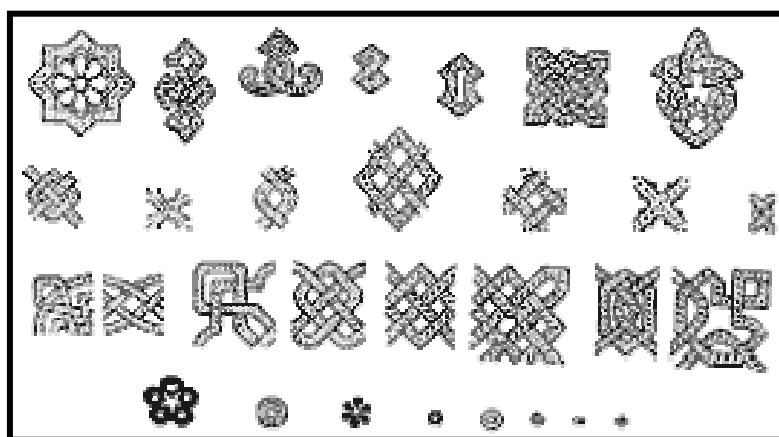
A encadernação adquiriu grande importância no Renascimento especialmente na França, Itália e Alemanha. O seu apogeu ocorreu nos séculos XVII e XVIII, sobretudo na França, onde muitas famílias cultivavam o ofício de geração em geração, acompanhando os estilos mais apreciados de cada período e as tendências estéticas gerais.

PRINCIPAIS ESTILOS DE ENCADERNAÇÃO

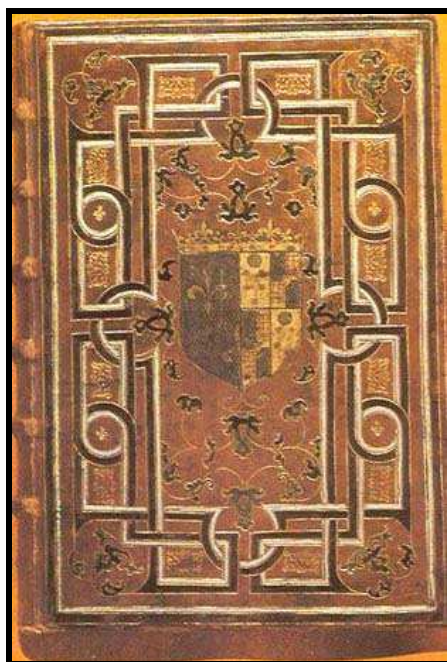
Espanha - estilo *mudéjar* (séculos XII e XVI)

Mudéjar, em árabe, significa “doméstico” ou “domesticado”. O termo é utilizado para designar os mulçumanos espanhóis que permaneceram vivendo em território conquistado pelos cristãos e sob o seu controle político durante o longo processo da chamada Reconquista, que se desenvolveu ao longo da Idade Média, na península Ibérica. Durante a Idade Média foram obrigados a se converterem ao cristianismo, passando assim a serem chamados de mouriscos.

O estilo mudéjar de encadernação floresce na Espanha. Seus ferros têm forma de cordas retorcidas, e permitem infinitas combinações e padrões geométricos. A capa é de cartão muito grosso ou de madeira, forrada de couro de bezerro. O resultado é uma capa muito adornada, com poucos espaços vazios. A expressão foi cunhada em 1859 por Amador de los Rios em seu discurso de ingresso na Real Academia de Belas Artes de São Fernando “O estilo mudéjar na arquitetura”.



Ferros estilo mudéjar



Encadernação mudéjar

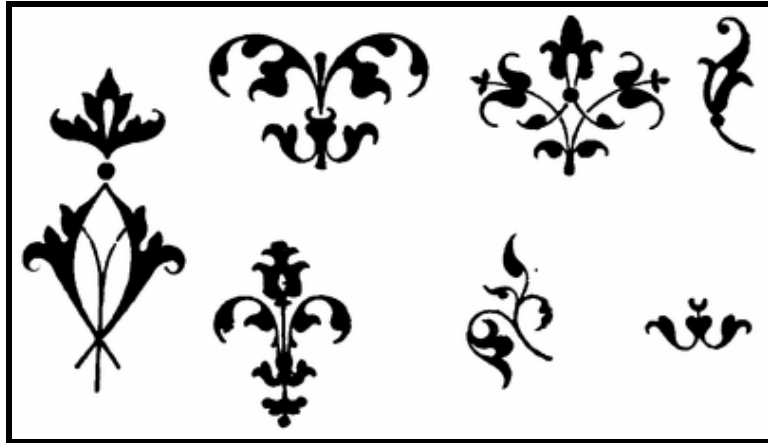
Itália

Aldo Pio Manuzio (século XV)

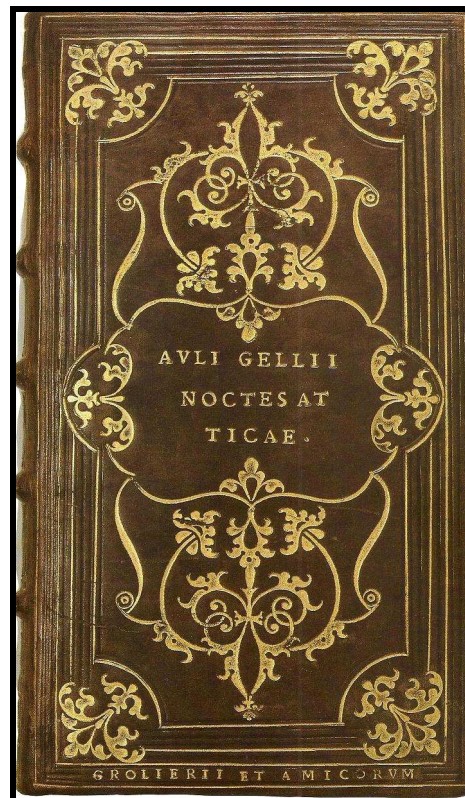
A arte de encadernação também se desenvolveu na Itália, país que trouxe do Oriente a técnica da douração. Da península italiana, estendeu-se para outros países europeus. Quem primeiro teve seu nome associado a um estilo foi Aldo Pio Manuzio, o impressor que se tornara célebre pelas inovações que fazia, rompendo definitivamente com os pesados padrões anteriores.

As suas encadernações, chamadas de aldinas, são executadas em

Veneza nos finais do século XV por Aldus Manuzio e seus discípulos. Eram em couro marroquim, caracterizando-se pelo emprego, na sua decoração, de folhas estilizadas terminadas em espiral, filetes a seco, retos e curvos, entrelaçando-se a flores no centro e nos cantos.⁸



Ferros de Aldo Manuzio - aldinos



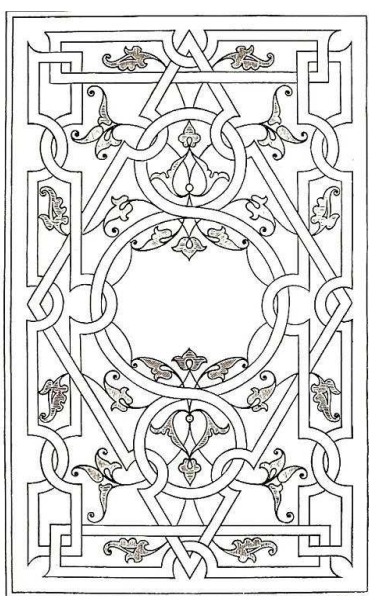
Edição aldina de Aulus Gellius *Noctes Atticae*
foi executada por Jean Grolier. Veneza, 1515. Library of Congress.

O estilo de Aldo Manuzio influenciou profundamente a história da encadernação, ficando este período conhecido como a “era aldina”, pois as inovações introduzida por Manuzio serviram de fonte de inspiração para diversos encadernadores, que difundiram e desdobraram o estilo aldino. Aldo Manuzio utilizava como insígnia um unicórnio envolvido por um delfim, parecendo pela primeira vez em 1502.

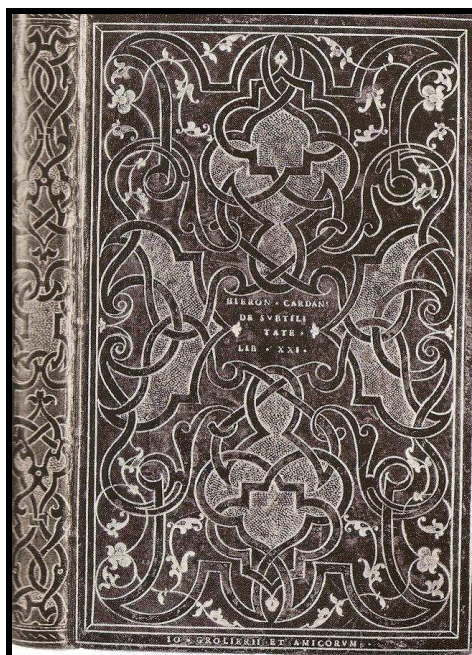
França

Jean Grolier, visconde d’Aiguisy (1479-1565)

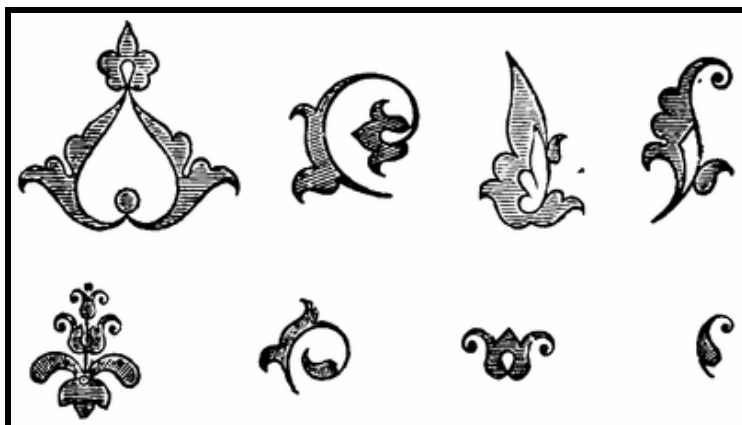
Era tesoureiro real além de mecenas. Trouxe de suas viagens à Itália seu entusiasmo pelo trabalho de Aldo Manuzio. Começou utilizando os próprios ferros aldinos, mas soube a partir deles chegar a uma infinidade de modelos em forma de folha, que vazou e listrou (fundo raiado), criando belíssimo efeito. Combinava os florões em forma de ramos e unia os filetes com grande preciosismo. Sua divisa era “Io Grolier et Amicorum (de Grolier e de seu amigos).



Desenho de uma decoração de encadernação de Jean Grolier, com ferros azurados.



Encadernação executada por Jean Grolier, século XVI.



Ferros de Grolier

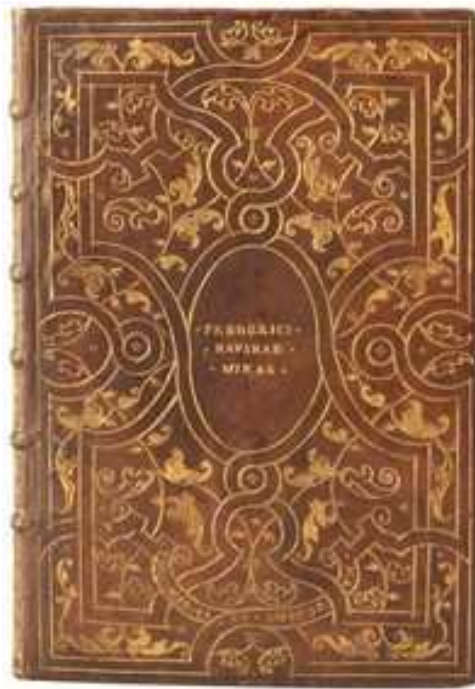
Thomas Maioli (1549-65)

Bibliófilo, conhecido também por Tomasso Maioli e Thomas Mahieu.

Nasceu na Itália, foi secretário de Catherine de Medicis (1549-1569) e depois secretário do tesouro da França, como Grolier, que muito provavelmente conheceu.

Sofreu influência de Aldo Manuzio e de Jean Grolier na criação de seu estilo. Maioli modificava os ferros acrescentando pontilhado ao fundo. Os seus desenhos geométricos apresentavam um grande refinamento e elaboração com o uso de ferros curvos e florões com filete duplo.

Em seu livros, no centro da capa em forma oval, aparecia escrito a divisa “The Maioli et Amicorum!” (Maioli e amigos). Ao lado de Grolier, o estilo Maioli passou a constituir um dos estilos universais de encadernação.



Encadernação Thomas Maioli

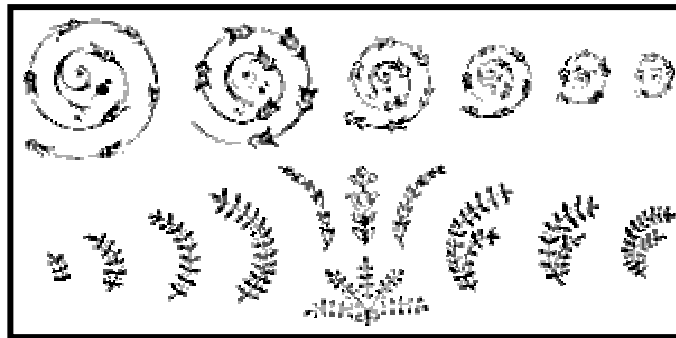
Estilo *Fanfare* (séculos XVI -XVII)

Seus principais artesãos foram “os Éve”, Nicolas e Clovis, pai e filho, encadernadores e douradores do rei. Clovis Éve trabalhou para o rei Henry III, para quem realizava a encadernação “fanfare”.

Este estilo decorativo, de execução complexa, exigia grande habilidade do encadernador, consistia em linhas curvas que representavam flores, folhas,

ramos espiralados que cobriam a capa por inteiro, dando a obra encadernada uma composição harmônica e requintada. Uma solução muito usada era a do filete duplo ou triplo na cercadura.

O termo “fanfare” foi criação do escritor e bibliófilo Charles Nodier, em 1829, quando o encadernador francês Joseph Thouvenin “relançou” o estilo para encadernar o livro *La fanfare et courvoées abbadesques*.



Ferros *Fanfare*



Encadernação estilo fanfare a maneira dos Éves.
Horae beatissimae Virginis Mariae. Library of Congress.



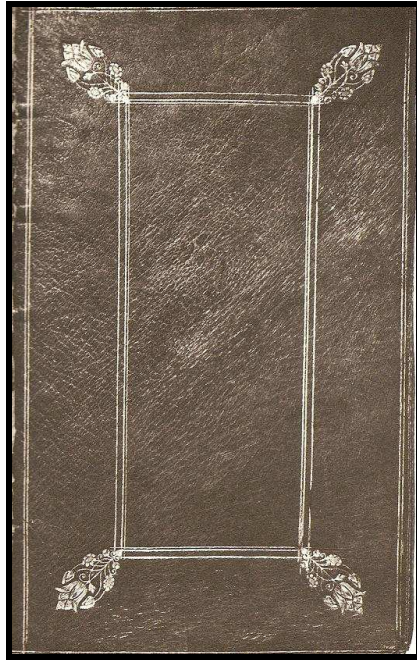
Les Fanfares et Courvées Abbadesques.

Encadernação, assinada por Thovenin, que originou o termo “fanfare”.

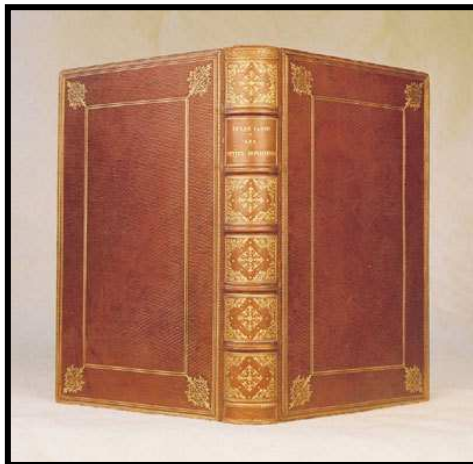
Du Seuil - Augustin Du Seuil (1673-1740)

Encadernador do rei Luiz XV, iniciou sua carreira como aprendiz de Phillippe Padeloup, trabalhando em seu ateliê.

A encadernação à Du Seuil consiste basicamente em duas cercaduras. A primeira cercadura externa é composta de dois ou três filetes dourados próximos ao contorno da capa. Uma outra cercadura é colocada no interior da primeira, também composta de dois ou três filetes, complementando a ornamentação florões são colocados nos quatro cantos da segunda cercadura, dando à encadernação grande beleza e elegância.



Encadernação à Du Seuil
Graunt, John. *Natural and Political Observations*, 1665.

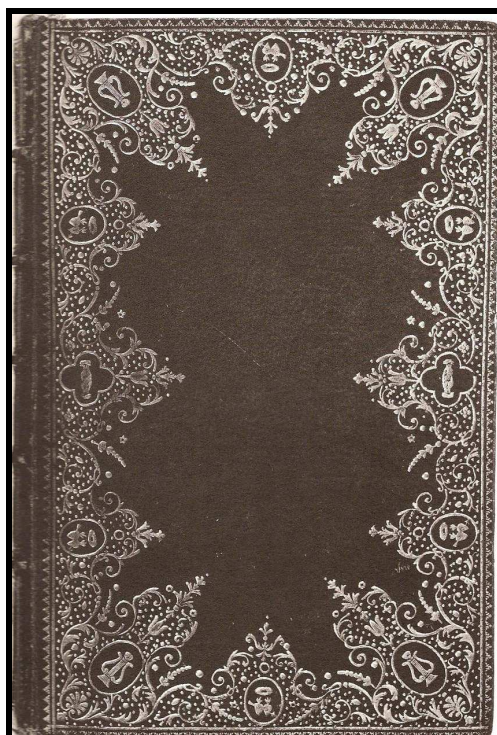


Encadernação à Du Seuil

Estilo à Dentelle (século XVIII)

Nicolas Denis Derôme (Derôme, o Jovem) foi o mais ilustre representante das várias gerações da família Derôme. Os Derôme foram os grandes difusores do estilo *dentelle*, que é um tipo de encadernação no qual os elementos ornamentais imitam as rendas.

Ele utilizava os ferros à *dentelle* em combinação e não em repetição. Uma característica da decoração de Nicolas Derôme é a presença de pequenos pássaros com as asas abertas, denominado de “*dentelle à l’oiseau*”. No entanto, não podemos afirmar que todas as douraões que utilizaram o ferro “à l’oiseau” foram realmente encadernadas por Derôme, o Jovem. O ferro “à l’oiseau” foi usado por diversos ateliês no século XVIII.



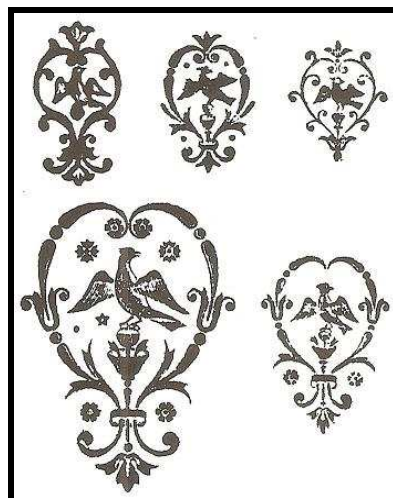
Encadernação à dentelle
Les Amours Pastorales de Daphnis et Cléo, século XVIII
Encadernada por Antoine Michel Padeloup



Ferros estilo Derome



Encadernação à *Dentelle* - rendas



Ferros à l'oiseau

Estilo pontilhado - Le Gascon (século XVII)

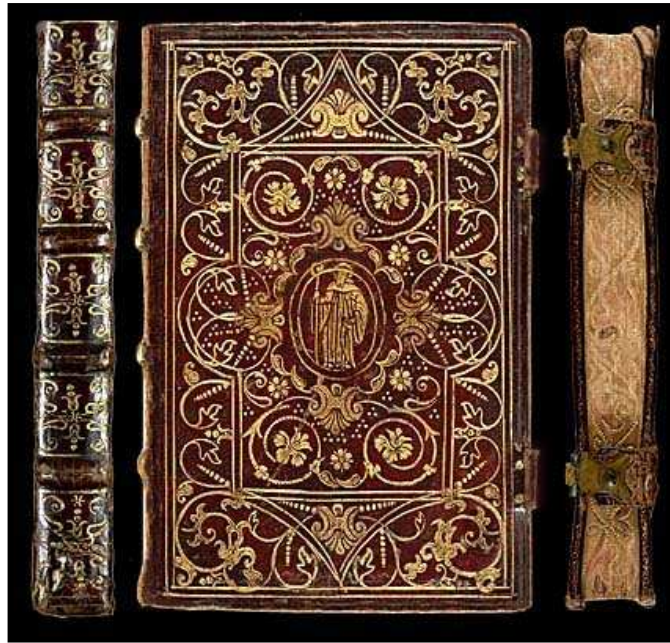
O estilo Le Gascon - conhecido como pontilhado - constitui-se de minúsculos pontos em forma de linhas e de curvas. No início do século XVII, o estilo pontilhado foi utilizado por inúmeros encadernadores franceses - Florimon Badier e Macé Ruette. Há, no entanto, uma grande controvérsia sobre a verdadeira identidade do encadernador que criou este estilo pontilhado, sendo Le Gascon muito certamente um pseudônimo.



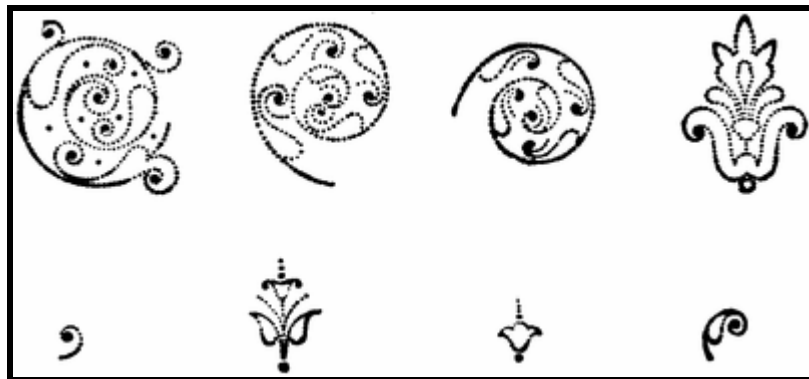
Estilo pontilhado



Estilo pontilhado



Estilo pontilhado



Ferros estilo pontilhado

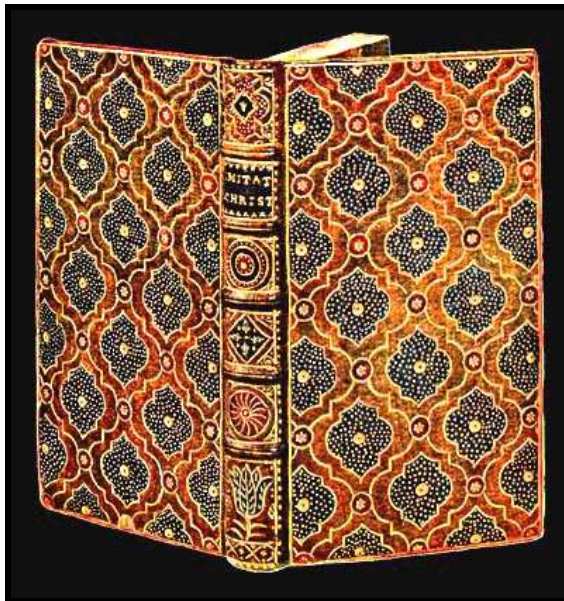
Antoine Michel Padeloup (1685-1758)

Pertencente a uma família tradicional e muito respeitada de encadernadores, pela sua arte e habilidade. Antoine Michel Padeloup, o Jovem, foi iniciado na arte da encadernação por seu pai Michel (1654-1725)

Foi o encadernador do rei Luis XV em 1733. Possuía um gosto eclético e muitas das suas encadernação são realizadas em diferentes estilos. Geralmente

utilizava a decoração à *dentelle*. Também é atribuída a ele a introdução da repetição de desenhos. Suas capas eram cheias de desenhos e, nos espaços livres, Padeloup aplicava a flor de lis e rosas pequenas; gostava muito dos mosaicos coloridos.

Foi o primeiro a fazer guardas dos livros forradas de seda.



Estilo mosaico

Encadernação no Brasil

Encadernação imperial - Segundo Reinado

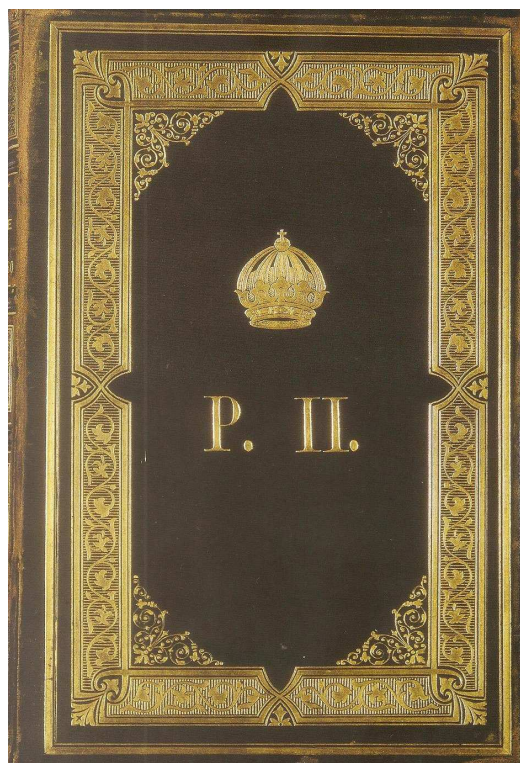
A encadernação imperial é um tipo de encadernação armoriada (ou brasonada) de uso muito difundido no Segundo Reinado. Ela se distingue pelas armas do império em dourado, no centro das capas.

Um livro possuir as armas do Império na encadernação não significa que o exemplar pertenceu ao Imperador. Indica que pertenceu a alguma repartição pública. Eram encadernações oficiais. Nestes casos o

couro da encadernação é verde e a combinação do ouro da gravação forma as cores nacionais, verde e amarelo⁹.

No final do século XIX, o veludo foi um material muito utilizado para a cobertura das capas e da lombada das encadernações imperiais. “A preferida era o verde, mas usava-se também veludo azul e roxo, ou, mais raramente o vermelho”¹⁰. As armas imperiais eram gravadas no centro das capas.

A encadernação imperial se difundiu muito graças a ação de George Leuzinger, que possuía uma oficina de encadernação e douração em sua loja, a Casa Leuzinger, a qual era, na verdade, um misto de livraria, papelaria e ponto de venda e difusão de gravuras e fotografias.



Encadernação Imperial

Paes, Artur Fernandes Campos da. *Das Alcalóides em geral, da química em Figura*

ROTEIRO PARA DESCRIÇÃO DE ENCADERNAÇÃO

Relação das principais características da encadernação que devem ser observadas para a descrição da obra:

<u>CAPAS</u>	De marfim
	De madeira
	De papelão
	De papel

<u>COBERTURA</u>	Couro (cor)
	Pergaminho
	Tecido
	Veludo
	Cetim
	Seda
	Papel

<u>LOMBADA</u>	Nervos
	Sem nervos
	Douração
	Sem douração

<u>FOLHA DE GUARDA</u>	Pergaminho
	Papel
	Seda
	Marmorizada
	Impressa

<u>CORTES</u>	Dourado
	Cinzelado
	Pintado
	Marmorizado
	Salpicado

<u>CABECEADO</u>	Manual
	Industrial

<u>TIPO</u>	Inteira
	Meia
	Meia com cantos

<u>DOURAÇÃO</u>	Impressão a seco
	Impressão com ouro

CONCLUSÃO

A importância de fenômenos novos capazes de provocar mudanças significativas em um determinado contexto social e científico é explicada por Thomas Kuhn em seu livro *A estrutura das Revoluções Científicas*¹¹.

Mostra que a ideia de “anomalia desempenha um papel importante na emergência de novos tipos de fenômenos”¹². Ao serem assimilados pela sociedade, eles instauram uma ruptura com uma prática cristalizada de um determinado período histórico, dando origem a uma mudança de paradigma. Este último, um termo que é usado mais genericamente para descrever uma modificação profunda em nossos pontos de referência.

A inovação estrutural derivada da passagem do rolo ao códex possibilita o surgimento de uma mudança de paradigma na história do livro: o livro plano e a encadernação, fazendo com que o formato rolo caia em desuso no século V.

Na Idade Média, o livro será o veículo ideal para a propagação da palavra divina, revelando um valor litúrgico e domínio do poder eclesiástico. No Renascimento, seguindo a mudança de paradigma da época, o livro acompanha a secularização da sociedade, surgindo os ateliês particulares de encadernação e douração.

A encadernação e a douração atingem o seu apogeu nos séculos XVII e XVIII, na Itália, França e Alemanha. Os bibliófilos mandavam fazer encadernações de luxo para seus volumes, difundindo esta arte de embelezar e proteger uma obra. Testemunho de uma época, a encadernação e a douração são valores simbólicos agregados ao livro que devem ser sempre muito bem avaliados e cuidados para manter e preservar a identidade de uma determinada arte em uma época.

O estudo da história da encadernação possibilita ao bibliotecário, aos responsáveis por bibliotecas, aos historiadores, aos livreiros e aos colecionadores identificar e dimensionar a importância do objeto “livro raro”. O

desconhecimento de estilos e características de época das encadernações levam à perda de um importante testemunho histórico de uma técnica tão minuciosa e única na história do livro.

GLOSSÁRIO¹³

A seco

Expressão para indicar uma decoração em encadernação de pele, pergaminho ou tecido mediante a aplicação de um ferro ou punção muito quente sem dourado ou cor, como, por exemplo, nas encadernações monásticas.

Armas

Insígnias de quem possui ou possuiu um livro, podendo ser gravadas, douradas ou contornadas de ornamentos e usadas nas encadernações ou como tema decorativo ou comprovação de propriedade.

Armorial

Livro que contém armas e brasões de nobreza.

Azurado

Ferro estriado de linhas oblíquas utilizado para a decoração de encadernações.

Bordadura

Banda decorativa

Cabeça

A parte superior de qualquer forma ou página; parte superior do livro.

Caderno

Conjunto de folhas de pergaminho ou papel dobradas ao meio e encartadas umas nas outras que constituem os elementos de um manuscrito ou de um livro antigo.

Capa

Parte exterior de um documento, seja de que matéria for, destinada a protegê-lo.

Cercadura

Elemento decorativo, formado por quatro bordaduras, utilizado em composição, gravura e encadernação.

Chagrin

(palavra francesa derivada do turco sagri)

Pele de aspecto granuloso preparada com quarto traseiro do cavalo, do burro, da cabra caracterizada por um grão muito miúdo e regular; empregou-se na encadernação apenas depois da segunda metade do século XIX, alguns dicionários adotam a forma *Chagrém*.

Cinzelado

Ornamentação de luxo no corte dos livros.

Cinzelar o corte

Operação levada a cabo no corte dos livros, por meio da qual se gravam motivos ornamentais nele.

Cinzelado simples

Aquele em que, após a douração do corte do livro, se procedeu à gravação do desenho, mediante instrumentos próprios.

Codex (códice)

Livro manuscrito organizado em cadernos solidários entre si, por costura e encadernação.

Contracapa

Lados internos da capa.

Costura

Ato de costurar livros; é uma operação levada a cabo no dorso dos cadernos com linha para unir uns aos outros, segundo a sequência normal da obra.

Cravo (prego)

Prego de metal colocado nos ângulos das pastas do livro.

Divisa

Sentença ou frase que sintetiza a idéia ou sentimento de alguém. Emblema, insígnia, alegoria.

Dourado

Impressão a ferro quente e folha de ouro na encadernação.

Dourar

Estampar ou revestir com ouro ou outro metal legendas e motivos ornamentais na capa, lombada e corte dos livros.

Dourar o corte

Revestir a ouro o corte do livro, só a cabeça ou os três lados.

Encadernação

Operação de juntar as folhas de um livro, costurando os cadernos e cobrindo o corpo do volume com uma capa mais grossa e sólida que a folha vulgar.

Encadernação à *dentelle* (encadernação rendada)

Tipo de encadernação em que os elementos ornamentais imitam as rendas.

Encadernação à *fanfare*

Tipo de encadernação do século XVII, caracterizada por motivos simples e delicados, formados quase exclusivamente por linhas curvas que representam flores, folhas, ramos espiralados que cobrem a capa por inteiro; é inspirada nos trabalhos de Clóvis e Nicolau Eve.

Encadernação aldina

Nome pelo qual são conhecidas as encadernações de marroquim trabalhado executadas em Veneza nos finais do século XV, por Aldus Manuzio e seus discípulos; caracterizam-se pelo emprego na sua decoração de folhas estilizadas terminando em espiral, filetes a seco, retos e curvos, entrelaçando-se florões no centro e nos cantos.

Encadernação bizantina

Encadernação ornamentada com marfim esculpido, metais dourados e esmaltes de cores vivas, com figuras de santos e outros motivos religiosos.

Encadernação brasonada

Encadernação que apresenta, em uma ou em ambas as pastas, um brasão que pode pertencer ao possuidor ou a outro personagem a quem o exemplar é dedicado.

Encadernação em mosaico

Designa um tipo de encadernação policroma. Obtida com lacas e vernizes de cores variadas ou com a aplicação de pedacinhos de peles de várias cores e qualidades.

Encadernação inteira

Aquela em que, para a cobertura da lombada e das pastas, emprega-se um único tipo de material, que tanto pode ser o couro (inteira de couro) como o tecido (inteira de tecido).

Encadernação monástica

Encadernação anterior à descoberta da imprensa, também conhecida como gótica ou medieval; teve origem nos mosteiros e conventos da Idade Média; é caracterizada pela impressão a seco, em couro natural, de motivos severos, muito usados nos séculos XIV e XV; dentre esses motivos destacam-se traços verticais ou em diagonal, losangos, cruces, figuras humanas ou animais fantásticos, especialmente dragões, flores, folhas; leva em geral cantos e fechos de metal.

Encadernação mudéjar

Encadernação do século XV em tábuas ou cartões muito fortes, forrada de couro de bezerro ou outro, quase sempre repuxada ou gofrada com pequenos ferros de estilo árabe.

Encadernação mourisca

Aquela que apresenta na sua decoração filetes entrelaçados que formam figuras geométricas ou arabescos nas pastas e quadrados com diagonais na lombada.

Encadernação padeloup

Estilo de decoração de encadernação praticada pela família Padeloup, na França, no século XVIII, caracterizado por embutidos de peles coloridas de formas geométricas simples, desprovidas de floreios.

Estampar a seco

Imprimir com ferros de dourador, deixando apenas as marcas de pressão, sem utilizar ouro nem tinta.

Filete

Em encadernação, adorno dourado igual e repetido em traços paralelos, que se encontra em alguns livros.

Gofrar

Estampar a seco.

Goteira

Lado oposto ao lombado quando as folhas à frente têm a forma de meia cana.

Guarda

Páginas brancas colocadas no início e no fim do livro que não contam na paginação.

Insígnia

Emblema ou marca com o qual o impressor, o editor ou o livreiro assinalavam os livros saídos de sua oficina.

Lombada

Parte do livro oposta ao corte de dianteira onde são costurados os cadernos.

Marroquim

Pele de cabra curtida a tanino, apresentando um grão irregular, muito brilhante e lustrosa.

Nervo

Tira de nervo de boi, couro, tripa enrolada (no livro antigo) ou fio, à qual estão presos, de um lado os fios da costura dos cadernos que compõem um livro e do outro os planos; designa-se igualmente desse modo a saliência que se encontra na lombada do volume.

Nervo falso

Pedaço de cordão para imitar o relevo produzido pelos nervos verdadeiros.

Pé

Margem inferior do livro oposta à cabeça e à goteira.

Notas

1. CASTELO BRANCO, Zelina. *Encadernação*. São Paulo: Editora Hucitec, 1978, p.3.
2. FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do livro: terminologia relativa ao suporte, ao texto, à edição e encadernação, ao tratamento técnico etc*. Lisboa: Guimarães Editores, 1988, p. 114.
3. NASCIMENTO, Aires Augusto; DIOGO, Antonio Dias. *Encadernação portuguesa medieval*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1984, p. 29.
4. NASCIMENTO, Aires Augusto; DIOGO, Antonio Dias, op. cit., p.28.

5. BRUCHARD, Dorothée. "A Encadernação". Disponível em <http://escritoriadolivro.com.br>. Acesso em março 2009.
6. FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça, op. cit., p. 102
7. BRUCHARD, Dorothée, op. cit.
8. FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça, op. cit., p. 115.
9. MORAES, Rubens Borba. *O bibliófilo aprendiz*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2ª edição, revista e aumentada, 1975, p. 64.
10. Id., ibid.
11. KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
12. Id., ibid., p. 94.
13. FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do livro: terminologia relativa ao suporte, ao texto, à edição e encadernação, ao tratamento técnico etc*. Lisboa: Guimarães Editores, c1988.

Outras fontes de pesquisa:

www.cyclopaedia.org/16c/1573point.jpg

libweb5.princeton.edu/.../images/4.thumb.jpg

<http://www.wlb-stuttgart.de/sammlungen/alte-und-wertvolle-drucke/bestand/einbaende/einbandsammlung/>

Especialistas consultados:

Ana Virginia da Paz Pinheiro - Bibliotecária, Professora Adjunta da Universidade do Rio de Janeiro, Chefe da Divisão de Obras Raras da Fundação Biblioteca Nacional.

Carmem Lucia da Costa Albuquerque - Bibliotecária, conservadora e restauradora da Fundação Biblioteca Nacional; especialista em encadernação e restauração de obras raras.

Bibliografia

ADAM, C. *Restauration des manuscrits et des livres anciens*. Paris: Institut Français de Restauration des Oeuvres d'Art, 1984.

BARBIER, Frédéric. *História do livro*. São Paulo: Editora Paulistana, 2008.

CASTELO BRANCO, Zelina. *Encadernação*. São Paulo: Editora Hucitec, 1978.

DEVAUX, Yves. *Dix siècles de reliure*. Paris: Éditions Pygmalion, 1981.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do livro*. Lisboa: Guimarães Editores, 1988.

FOOT, Mirjam M. *A collection of bookbinding*. Londres: British Library. 1983.

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

MORAES, Rubens Borba. *O bibliófilo aprendiz*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2ª edição, revista e aumentada, 1975.

NASCIMENTO, Aires Augusto; DIOGO, Antonio Dias. *Encadernação portuguesa medieval*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1984.

PERSUY, Anne e EVRARD, Sün. *La reliure*. Paris: Editions Denoël, 1983.

ROBERT, Matt T. e ETHERINGTON Don. *Bookbinding and the conservation of books: a dictionary of descriptive terminology*. Washington: Library of Congress, 1982.

ZAEHNSDORF, Joseph William. *The art of bookbinding: a practical treatise (1890)*. Whitefish: Kessing Publishing, LLC, 2008.